

Rede de intrigas

Lendas urbanas disseminadas pela internet levam pânico pela rede

GONÇALO JUNIOR
ILUSTRAÇÕES HÉLIO DE ALMEIDA



Ea mais pura verdade, pode acreditar: no último fim de semana, um rapaz foi seduzido e embriagado por uma loira daquelas de cinema numa boate e acordou numa banheira de hotel cercado de gelo, com uma mensagem escrita no espelho com batom vermelho para que procure imediatamente um médico, pois seu rim fora retirado. Uma variável dessa história é a do menino – “filho da vizinha de um primo” – que desapareceu quando comprava lanches no McDonald’s de um famoso *shopping* da cidade e foi encontrado uma semana depois, pálido. Quando a mãe foi dar banho nele, viu um grande corte não cicatrizado e o levou ao pronto-socorro, onde descobriram que traficantes de órgãos tinham retirado um de seus rins.

Que usuário regular de internet em todo o planeta nunca recebeu pelo menos uma mensagem assim, repassada por amigo ou conhecido com o relato de algum caso que lhe pareceu bizarro ou absurdo, capaz de causar calafrios? Provavelmente, nenhum. O objetivo desses incríveis porém possíveis relatos sobre ameaças e conspirações, quase sempre, é difundir o medo e o pânico. Uma das primeiras e mais famosas mensagens do gênero contava a história de uma pessoa que fora infectada em lugar público por alguém que lhe furou com uma seringa – cinema, ônibus, metrô etc. – e recebeu uma mensagem onde se lia: “Bem-vindo ao mundo do HIV”. Sobram ainda casos so-

bre alimentos e refrigerantes contaminados e armadilhas de bandidos para assaltar pessoas desatentas nos grandes centros urbanos.

A paranóia que se seguiu aos atentados de 11 de setembro de 2001 em relação à política intervencionista americana fez surgir no Brasil a história de que nas escolas dos Estados Unidos as crianças estariam aprendendo nas aulas de geografia que a Amazônia era uma zona livre internacional ou que pertencia àquele país e não ao Brasil. Outra garante que um vídeo de uma empresa americana “vende” a idéia de que a Amazônia não fazia parte de uma nação (Brasil), mas do mundo, e que todos aqueles que tiverem receio de ver a floresta desaparecer deveriam se tornar sócios desse grupo para ter o direito de começar a “comprar” ou a tomar posse de suas terras.

Todos esses relatos, jamais provados, são o que se convencionou chamar de lendas urbanas, inven-



A circulação
de tais relatos
tem a ver com
o “vácuo”
deixado pela
sensação
de impotência,
a falta de
compreensão
das causas

cionices criadas há séculos, principalmente de forma oral, mas que parecem ter encontrado na internet um campo bastante fértil para multiplicação e difusão. São tantas que despertaram a atenção do pesquisador Carlos Renato Lopes há 6 anos e o levaram a defender na USP o doutorado “Lendas urbanas na internet: entre a ordem do discurso e o acontecimento enunciativo”. Ele conta que, muito antes de se debruçar sobre o assunto, percebia que algumas delas vinham e voltavam após um tempo, às vezes com pequenas mudanças ou acréscimo de detalhes. “Busquei saber mais sobre esse tipo de texto e vi que só havia material a respeito na própria internet. Resolvi, então, apresentar um projeto de doutorado sobre o tema propondo um estudo do ponto de vista do discurso, isto é, da prática social do uso da linguagem que é afetada pela história e pela ideologia.” Sua intenção era investigar como as histórias são construídas e circulam dentro de práticas discursivas.

Absurdo - Durante 2 anos, Lopes recolheu e analisou nada menos que cerca de 12 mil mensagens espalhadas pela internet. Se tivesse de definir a lenda urbana como um gênero narrativo, com características próprias que as distinguem de outros, ele apontaria basicamente, em primeiro lugar, o fato de se tratar de um relato inusitado ou absurdo (oral ou escrito) que envolve algum elemento do cotidiano da(s) comunidade(s) em que circula, proposto para ser acreditado, uma vez que é contado como ocorrido de verdade, não a quem conta, mas sempre a uma terceira pessoa com quem normalmente não se poderá checar as informações. “Em sua forma mais comum, a lenda apresenta algum alerta ou um apelo para que se esteja prevenido contra as possíveis ameaças, possíveis danos que tais elementos – aparentemente banais – do nosso cotidiano podem nos apresentar.”

Seu aparecimento está ligado a medos, preocupações, ansiedades recorrentes que circulam em um determinado momento histórico. “De fato, acontecimentos marcantes como o 11 de Setembro, o advento da Aids, o surgimento de novas tecnologias, catástrofes naturais como o furacão Katrina ou

os *tsunami* na Ásia são todos catalisadores em torno dos quais surge toda a sorte de relatos não-comprovados e, em alguns casos, francamente fantasiosos.” É importante ressaltar, acrescenta ele, que a ampla e rápida circulação de tais relatos em momentos como esses se relaciona diretamente com o “vácuo” deixado pela sensação de impotência, a falta de compreensão das causas e fatores materiais que afetam esses acontecimentos, abrindo-se aí, dessa forma, um espaço para todo tipo de especulação e desinformação se proliferar.

Em suas conclusões, Lopes observa que as lendas urbanas se confundem tanto com outras formas de narrativas ficcionais quanto “factuais” (como as do jornalismo dito popular) para tecer uma trama simbólica de leitura da realidade. Particularmente, acrescenta ele, medos, ansiedades e preocupações que marcam as sociedades urbanas contemporâneas. De acordo com o pesquisador, essas histórias são tecidas dentro de um processo discursivo dinâmico, não se atendo a textos fechados, mas, antes, inserindo-se em práticas multifacetadas, como os produtos midiáticos de cultura popular, as conversas de bar, os *chats* virtuais, entre outros contextos.

Assim como tantos outros gêneros de discurso da cultura popular, as lendas da rede merecem uma consideração que vai além do simples elemento “anedótico”, na medida em que transcendem as insistentes dicotomias entre falso *versus* verdadeiro, fato *versus* mito, situando a todos, enquanto leitores, numa prática complexa de elaboração da experiência social. “Desse modo, apresentam-se como uma espécie de marca, traço ou sintoma que, por meio do discurso, apontam para o desejo de conjurar o acaso, de dar sentido à percepção vaga e generalizada de insegurança e falta de controle sobre os ‘riscos’ que enfrentamos nas sociedades contemporâneas.”

O tempo de vida de uma lenda urbana na internet é variável. Para Lopes, uma história pode “morrer” rapidamente, nos casos de rumores cuja falsidade pode ser facilmente atestada, o que é facilitado pela própria imediatez da comunicação pela internet. Outras conseguem permanecer no imaginário popular por dezenas de anos. Um exem-

plo clássico desse segundo caso seria o da lenda da loira do banheiro, que o pesquisador já tinha conhecimento desde quando freqüentava a escola primária no interior, no início da década de 1980. “Qual não foi minha surpresa ao saber que, mais de 20 anos depois, a mesma história ainda circulava (em São Paulo e aparentemente em todo o país) e assustava as crianças a ponto de terem medo de ir ao banheiro da escola sozinhas.”

O limite de alcance da lenda urbana é o limite da crença, diz Lopes. Enquanto houver pessoas acreditando ou simplesmente atraídas pelo encanto dos relatos que, embora quase sempre inusitados demais para serem verdadeiros, parecem sobreviver em grande parte pelo apelo ficcional que carregam. Como diria Jan Harold Brunvand, um pioneiro e grande divulgador do estudo de lendas nos EUA e citado pelo pesquisador brasileiro, “nada se põe no caminho de uma história quando é boa e saborosa demais para ser verdade”.

Dentro dessa questão, rassalta Lopes, seria ainda interessante mencionar como algumas das histórias chegam até os internautas tendo sido traduzidas *ipsis litteris* de outras línguas, especialmente do inglês e do francês, o que atesta seu alcance em nível global. Uma delas, cita ele, dá conta de que o pai da modelo Daniela Sarahyba morreu por ter bebido cerveja de uma latinha contaminada com fezes de rato. “Isso nada mais é do que uma adaptação local de um texto de idêntico teor publicado e circulado inicialmente na França há pelo menos 7 anos.

Detetives - Há pessoas, afirma o pesquisador, que se colocam como verdadeiros “detetives” das lendas. Seja para provar sua falsidade, seja para traçar seu histórico e (tentar) chegar à sua fonte primeira. “No grupo de discussão que eu analisei havia vários desses participantes. Nas enciclopédias e coletâneas que consultei há também esse esforço de se fazer um trabalho de pesquisa rigoroso, bem documentado sobre as ‘fontes primárias’ desses relatos.” O mais curioso, no entanto, em sua opinião, é que esse tipo de preocupação

com a origem dificilmente suplanta o apelo ficcional que faz com que as histórias sejam retomadas, revisitadas, adaptadas e atualizadas sempre, e cada vez mais. “É como se o verdadeiro atrativo dessas lendas residisse no fato de serem consumidas como narrativas, tão ficcionais (e ao mesmo tão plausíveis) quanto quaisquer outras. Talvez isso explique o modo como elas se prestam a apropriações e releituras dentro de outras formas bem populares de cultura de massa, como o cinema, as séries de televisão, os quadrinhos.”

Tudo isso é feito dentro da máxima popular; quem conta um conto aumenta um ponto. Assim fazem-se desde correções gramaticais a acréscimos de elementos que lhes dêem mais veracidade. “Essa é talvez uma das características mais marcantes desse tipo de texto. Aliás, tentei mostrar isso ao longo de toda a tese: como as lendas, enquanto textos, são indissociáveis dessa prática social dinâmica dentro da qual elas são produzidas e transmitidas, é praticamente impossível que se restrinjam a uma única versão, a uma trama invariável.” ■

